


**MONSTRUOSIDADE, PSIQUE E SOBRENATURAL: UMA ANÁLISE DA TRADIÇÃO
GÓTICA DA LITERATURA INGLESA DOS SÉCULOS XVIII E XIX**

**MONSTRUOSITY, PSYCHE AND THE SUPERNATURAL: AN ANALYSIS OF THE
GOTHIC TRADITION OF 18TH AND 19TH CENTURY ENGLISH LITERATURE**

**MONSTRUOSIDAD, PSIQUE Y LO SOBRENATURAL: UN ANÁLISIS DE LA TRADICIÓN
GÓTICA DE LA LITERATURA INGLESA DE LOS SIGLOS XVIII Y XIX**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-051>

Data de submissão: 05/05/2025

Data de publicação: 05/06/2025

José Flávio da Paz

Pós-doutorando em Educação

Instituição: Logos University International, UniLogos

E-mail: jfp1971@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6600-9548>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>

Carlos Roberto Wensing Ferreira

Doutorando em Educação Escolar

Instituição: Universidade Federal de Rondônia, UNIR

E-mail: carloswensing@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7748-5435>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3329367358115644>

Célia Ferreira de Sousa

Doutoranda em Estudos Literários

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT

E-mail: celia.sousa@ifmt.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4591-7587>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4760211024075582>

Lidiane Silva dos Santos

Doutoranda em Educação na Amazônia

Instituição de formação: Universidade Federal de Rondônia, UNIR

Endereço: Porto Velho, Rondônia, Brasil

E-mail: lydysyl1212@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0350-1387>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1512378971922377>

Luiz Carlos de Araujo

Pós-graduado em Gestão e Políticas Públicas

Instituição: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, FESPSP

E-mail: luiz13wa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8537-8680>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4017707818909959>

RESUMO

Este artigo propõe uma análise crítica e comparativa da literatura inglesa de tradição gótica e de horror, por meio das obras de Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Robert Louis Stevenson e H.P. Lovecraft. O objetivo principal é compreender como esses autores construíram, transformaram e influenciaram os principais temas do imaginário do medo, tais como a monstrosidade, a loucura, o duplo e o desconhecido, desde o século XVIII até os dias atuais. A metodologia utilizada baseia-se na análise textual, na contextualização histórica e na perspectiva interdisciplinar, com apoio do referencial teórico de Botting (1996), Punter (1996), e Lovecraft (2006 [1927]), entre outros. As obras analisadas incluem Frankenstein (1818), O Coração Delator (1845), O Médico e o Monstro (1886) e O Chamado de Cthulhu (1928), escolhidas por sua representatividade estética e ideológica. Espera-se demonstrar que, apesar de distantes no tempo, tais textos compartilham elementos estruturais que continuam a influenciar a literatura contemporânea, o cinema e a cultura pop. Além disso, o estudo busca evidenciar como as noções de identidade, ciência, moralidade e medo são representadas em diferentes contextos socioculturais, revelando a perenidade e a adaptabilidade do gênero gótico na tradição literária anglófona.

Palavras-chave: Literatura gótica. Terror psicológico. Horror cósmico. Cultura pop. Modernidade.

ABSTRACT

This article proposes a critical and comparative analysis of English literature of the Gothic and horror traditions, through the works of Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Robert Louis Stevenson and H.P. Lovecraft. The main objective is to understand how these authors constructed, transformed and influenced the main themes of the imaginary of fear, such as monstrosity, madness, the double and the unknown, from the 18th century to the present day. The methodology used is based on textual analysis, historical contextualization and an interdisciplinary perspective, supported by the theoretical framework of Botting (1996), Punter (1996), and Lovecraft (2006 [1927]), among others. The works analyzed include Frankenstein (1818), The Tell-Tale Heart (1845), The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde (1886) and The Call of Cthulhu (1928), chosen for their aesthetic and ideological representativeness. The aim is to demonstrate that, despite being distant in time, these texts share structural elements that continue to influence contemporary literature, cinema and pop culture. Furthermore, the study seeks to highlight how notions of identity, science, morality and fear are represented in different sociocultural contexts, revealing the permanence and adaptability of the Gothic genre in the Anglophone literary tradition.

Keywords: Gothic literature. Psychological horror. Cosmic horror. Pop culture. Modernity.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis crítico y comparativo de la literatura inglesa de las tradiciones gótica y de terror, a través de las obras de Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Robert Louis Stevenson y H.P. Lovecraft. El objetivo principal es comprender cómo estos autores construyeron, transformaron e influyeron en los principales temas del imaginario del miedo, como la monstrosidad, la locura, el doble y lo desconocido, desde el siglo XVIII hasta la actualidad. La metodología empleada se basa en el análisis textual, la contextualización histórica y una perspectiva interdisciplinar, con el apoyo del marco teórico de Botting (1996), Punter (1996) y Lovecraft (2006 [1927]), entre otros. Las obras analizadas incluyen Frankenstein (1818), El corazón delator (1845), El extraño caso del Dr. Jekyll y Mr. Hyde (1886) y La llamada de Cthulhu (1928), seleccionadas por su representatividad estética e ideológica. El objetivo es demostrar que, a pesar de su distancia temporal, estos textos comparten elementos estructurales que siguen influyendo en la literatura, el cine y la cultura pop contemporáneos. Además, el estudio busca destacar cómo se representan las nociones de identidad, ciencia, moralidad

y miedo en diferentes contextos socioculturales, revelando la permanencia y adaptabilidad del género gótico en la tradición literaria anglófona.

Palabras clave: Literatura gótica. Horror psicológico. Horror cósmico. Cultura pop. Modernidad.

1 INTRODUÇÃO

A literatura gótica inglesa, surgida no final do século XVIII, consolidou-se como um espaço de exploração dos medos, angústias e dilemas da modernidade ocidental. Autores como Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Robert Louis Stevenson e H.P. Lovecraft desempenharam papel importante nesse processo, produzindo obras que desafiam limites éticos, científicos e psicológicos. Este artigo visa analisar a contribuição desses autores para o desenvolvimento do horror literário como um gênero que busca provocar sentimentos de medo, terror e angústia nos leitores, bem como, suas permanências na cultura contemporânea.

Dessa forma, propõe-se como objetivo principal compreender de que maneira os elementos góticos, como o duplo, a loucura, a monstruosidade e o desconhecido, são mobilizados nos textos analisados, e como essas representações dialogam com questões sociais e filosóficas de seus respectivos contextos históricos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fred Botting (1996), em sua obra *Gothic*, destaca que o gênero gótico se constrói a partir de tensões sociais e estéticas, utilizando o medo como força estruturante das narrativas. O gótico, segundo ele, é uma resposta simbólica às ansiedades modernas, especialmente àquelas relacionadas ao Iluminismo, à razão e ao progresso científico (Botting, 1996, p. 3).

Punter (1996) complementa essa leitura ao afirmar que a literatura gótica frequentemente articula conflitos entre tradição e modernidade, ordem e caos, estabelecendo uma crítica às certezas racionalistas. Já H.P. Lovecraft, em seu ensaio *The Supernatural Horror in Literature* (2006 [1927]), afirma que “o mais antigo e mais forte dos sentimentos humanos é o medo, e o mais antigo e mais forte dos medos é o medo do desconhecido” (Lovecraft, 2006, p. 15).

Em relação à literatura brasileira no século XIX, o tom, o feixe de artifícios retóricos e o conjunto predominante de temáticas da nossa literatura fantástica são regidos de maneira predominante pela influência do gótico como estética dominante. Logo, nosso fantástico, nossa ficção científica e nosso horror são góticos com frequência. Assim, a literatura nacional segue a tendência que observamos nas literaturas europeias, latino-americanas ou norteamericanas do mesmo período (...) (Aguiar, 2023, p. 24).

Essa base teórica orienta a leitura dos textos selecionados, entendendo o gótico como forma de representação de crises morais, científicas, identitárias e outras que se mantêm relevantes até os dias atuais.

3 INTRODUÇÃO AO GÓTICO LITERÁRIO

O termo "gótico", inicialmente associado à arquitetura medieval, passou a designar, a partir do final do século XVIII, uma corrente literária que se caracterizava por atmosferas sombrias, ambientes decadentes e tramas centradas no mistério, no sobrenatural e na transgressão moral. O marco fundador do gênero é geralmente atribuído ao romance *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole, obra que inaugura uma tradição narrativa centrada em castelos em ruínas, nobres corrompidos, heroínas perseguidas e elementos sobrenaturais ambíguos.

Esse modelo foi desenvolvido por autores como Ann Radcliffe - pioneira do romance gótico; Matthew G. Lewis – também conhecido como "Monk" Lewis, pelo sucesso obtido com o seu romance gótico *O Monge* (1796); e, pelo clérigo protestante, dramaturgo e romancista irlandês Charles Maturin, autor da obra *Melmoth the Wanderer* (1820) que exploraram as ansiedades morais, religiosas e políticas da Inglaterra e da Europa em um período de rápidas transformações sociais.

O gótico, nesse momento, emerge como uma resposta simbólica às crises provocadas pelo Iluminismo, pela Revolução Francesa e pelas mudanças industriais e urbanas que redefiniam os modos de vida no Ocidente.

O medo é o elemento central que estrutura o universo nesse gênero. Ele se manifesta não apenas como emoção, mas como força cultural que traduz angústias coletivas. O imaginário do gótico articula forças invisíveis, ruínas do passado, espectros do inconsciente e figuras liminares, como o monstro, o louco, o vampiro ou o cientista transgressor que representam ameaças à ordem racional moderna.

Segundo Fred Botting (1996), o gótico se diferencia de outras formas narrativas ao colocar a emoção do medo acima da razão, subvertendo as noções de progresso, pureza e estabilidade que marcaram o discurso iluminista. "O gótico torna-se um campo em que o obscuro, o oculto e o transgressivo podem ser explorados como sintomas de conflitos culturais e subjetivos" (Botting, 1996, p. 4).

O sobrenatural, nesse contexto, não funciona apenas como elemento fantástico, mas como metáfora das forças inconscientes ou reprimidas pela cultura dominante.

O surgimento do gótico coincide com um período de instabilidade e transformação social profunda. O século XVIII marca o avanço do racionalismo, da ciência e do secularismo, mas também a ascensão de ansiedades sobre os limites desse progresso. A literatura gótica funciona como válvula de escape e crítica simbólica a esse racionalismo excessivo, expondo os perigos do conhecimento desvinculado da ética, tema que será aprofundado por Mary Shelley em *Frankenstein* (1818).

No século XIX, com a Revolução Industrial, a urbanização crescente e a repressão moral da era vitoriana, o gótico se reinventa. Passa a explorar temas como as identidades fragmentadas, os

transtornos mentais, o duplo e a decadência urbana, tal e igual ao que se observa nas obras de Poe, Stevenson e posteriormente Lovecraft. Esses autores não apenas mantêm os elementos formais do gênero, mas o expandem para novas problemáticas, conectando o medo à interioridade psicológica e ao existencialismo moderno.

4 MARY SHELLEY E O NASCIMENTO DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Publicada anonimamente em 1818, *Frankenstein; or, The Modern Prometheus* é considerada por muitos estudiosos como a obra fundadora da ficção científica moderna. Escrito por Mary Shelley (1797-1851) aos 18 anos, o romance combina elementos do gótico com o nascente imaginário científico do século XIX. A história do cientista Victor Frankenstein, que dá vida a uma criatura artificial e depois a abandona, estrutura-se como uma meditação sobre os limites éticos do conhecimento, a responsabilidade científica e os perigos da ambição desmedida.

Victor Frankenstein encarna o arquétipo do “cientista prometeico”, que busca dominar as forças da natureza e ultrapassar os limites humanos. Segundo Botting (1996), “Shelley associa o monstro ao excesso de racionalismo científico e à desumanização provocada pela ruptura entre ciência e moralidade” (p. 92). A criatura, por sua vez, torna-se um símbolo da exclusão social e do sofrimento gerado pela ausência de empatia, um tema que ressoa profundamente com questões contemporâneas.

A primeira edição de *Frankenstein*, lançada em 1818, apresentava uma narrativa mais crítica e ambígua em relação ao papel de Victor Frankenstein. Já a edição de 1831, revista pela própria Mary Shelley, suaviza algumas passagens e enfatiza o destino como justificativa para os acontecimentos trágicos, alinhando-se mais à sensibilidade vitoriana da época.

A crítica contemporânea inicialmente recebeu a obra com ambivalência, ora elogiando sua originalidade, ora condenando seus “excessos” e “imoralidades”. Com o tempo, no entanto, *Frankenstein* foi alçado à condição de clássico, sendo lido como uma alegoria multifacetada sobre a criação, a alteridade e o fracasso da modernidade.

Como observa Anne K. Mellor (1988), Shelley constrói uma crítica à ciência patriarcal e à ausência de valores afetivos no projeto iluminista: “Mary Shelley oferece, em *Frankenstein*, uma advertência feminista contra a criação sem amor, sem cuidado e sem responsabilidade” (Mellor, 1988, p. 39).

O legado de *Frankenstein* transcende a literatura e se estende para os campos da bioética, da engenharia genética e da inteligência artificial. A pergunta fundamental da obra: “o que significa criar vida?” reverbera em debates atuais sobre edição genética, como a tecnologia CRISPR - uma

ferramenta que permite editar o DNA de seres vivos com precisão, clonagem, e as fronteiras da autonomia das máquinas.

De acordo com o bioeticista Leon Kass (1998), o romance de Shelley deve ser lido como “um alerta clássico sobre os perigos de buscar poder científico sem sabedoria moral” (Kass, 1998, p. 11). O mito do cientista que perde o controle sobre sua criação tornou-se uma metáfora amplamente usada para refletir sobre os riscos da tecnociência, especialmente quando desconectada de princípios éticos.

Além disso, obras contemporâneas como os filmes *Ex Machina* (2014) e *Blade Runner* (1982) continuam a dialogar diretamente com os dilemas éticos que Shelley antecipou: a consciência da máquina, a responsabilidade do criador e o direito à existência da criatura.

5 EDGAR ALLAN POE E A PSICOLOGIA DO TERROR

O escritor, poeta e crítico norte-americano Edgar Allan Poe (1809–1849) é amplamente reconhecido como um dos mestres da literatura de terror e do suspense psicológico. Seus contos e poemas mergulham nas profundezas da mente humana, explorando temas como paranoia, culpa, loucura e melancolia. Em *O Coração Revelador* ou *O Coração Delator* (1843), o narrador confessa um assassinato motivado por um “olho de abutre”, revelando-se cada vez mais instável. A obsessão e a culpa o levam à autodestruição, criando um retrato da deterioração psicológica.

Já em *A Queda da Casa de Usher* (1839), a decadência física da mansão Usher funciona como extensão simbólica da degeneração mental dos personagens. A atmosfera claustrofóbica e os elementos góticos clássicos, como morte, doença e ruína, compõem um cenário onde realidade e alucinação se confundem. Como destaca Punter (1996), “Poe não se limita a criar o medo externo - ele diseca a estrutura do medo interno, da mente tomada pela culpa e pelo colapso racional” (p. 104).

No poema *O Corvo* (1845), o luto e a angústia pela perda de Lenore se manifestam na figura simbólica do corvo que, com seu refrão hipnótico - “Nevermore”, acentua a dor do narrador e reforça o tema da repetição obsessiva e do delírio poético.

Além de suas obras góticas e fantásticas, Poe é considerado o precursor do gênero policial moderno. O conto *The Murders in the Rue Morgue* (1841), protagonizado pelo detetive Auguste Dupin, introduz a figura do investigador racional que desvenda mistérios por meio da lógica dedutiva. Este modelo influenciaria diretamente autores como Arthur Conan Doyle e Agatha Christie.

Dupin não é apenas um solucionador de crimes, mas um leitor da mente - um intérprete dos sinais sutis do comportamento humano. Segundo Eco (2009), “com Poe nasce a racionalização do mistério, a lógica como estrutura de leitura do caos aparente” (ECO, 2009, p. 66). Assim, Poe consegue unir o terror psicológico à lógica analítica, criando um novo paradigma literário.

A própria vida de Poe reflete muitos dos temas presentes em sua produção literária. Órfão desde cedo, marcado por perdas trágicas, pobreza e alcoolismo, o autor viveu uma existência permeada pela instabilidade emocional e marginalização social. Sua escrita frequentemente revela um desejo de escapar da dor por meio da imaginação, mas também uma obsessão com a morte, o luto e a decadência.

De acordo com Silverman (1991), “Poe era tanto um artesão meticuloso quanto um espírito atormentado por visões de dissolução e vazio — um homem dividido entre a razão e o delírio” (Silverman, 1991, p. 184). Essa dualidade entre estrutura e emoção, método e loucura, marca seu estilo e sua relevância.

A originalidade de Poe reside na forma como ele explora o medo como fenômeno interno — fruto de desejos reprimidos, traumas e obsessões. Ele antecipa a psicanálise freudiana ao projetar nos personagens a luta entre pulsões de vida e de morte, sendo por isso amplamente lido também em chave psicológica e simbólica.

6 ROBERT LOUIS STEVENSON E O DUPLO

Publicado em 1886, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* tornou-se um dos textos mais emblemáticos da literatura gótica do século XIX, particularmente por sua exploração da identidade dividida e da hipocrisia social vitoriana. A trama gira em torno do respeitado Dr. Henry Jekyll, que, ao desenvolver uma fórmula química, transforma-se em Edward Hyde - a personificação de seus desejos ocultos e impulsos violentos.

A obra é uma poderosa metáfora da repressão moral e sexual que marcava a sociedade britânica do período vitoriano. Em um contexto dominado por rígidas normas comportamentais, Jekyll representa o indivíduo que vive sob a fachada da respeitabilidade, enquanto Hyde incorpora aquilo que é socialmente negado. Como aponta Hogle (2002), “Stevenson oferece uma crítica aguda à duplicidade da moral vitoriana, evidenciando os perigos da repressão psicológica institucionalizada” (Hogle, 2002, p. 181).

A narrativa também reflete ansiedades modernas sobre a ciência e o corpo: Jekyll, como Shelley antes dele, ultrapassa os limites éticos da ciência ao manipular a natureza humana, abrindo espaço para a degradação e a violência.

A figura do “duplo” ou *Doppelgänger* é um motivo recorrente na literatura gótica e romântica, simbolizando a cisão do eu e a luta entre forças internas opostas - moralidade e instinto, racionalidade e desejo, consciência e sombra. Desde *William Wilson* (1839), de Edgar Allan Poe, até *O Retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde, a literatura oitocentista explora a existência de um “outro” que habita o próprio sujeito.

Na leitura psicanalítica, sobretudo a partir de Freud e Otto Rank, o duplo representa tanto o ideal narcísico quanto a ameaça do retorno do reprimido. Freud, em seu ensaio *O Estranho (Das Unheimliche)*, 1919), afirma que o duplo provoca angústia justamente por encarnar aquilo que deveria permanecer oculto no inconsciente. “O duplo é o portador de tudo aquilo que o ego precisa repudiar para manter sua coesão social” (Freud, 1919, p. 11).

Nesse sentido, Hyde é o retorno do reprimido jekylliano - o monstro que emerge quando a máscara civilizada é removida. A tensão entre Jekyll e Hyde reflete a fragmentação do sujeito moderno, um tema que ressoa até os dias atuais, inclusive na psicologia e na psicanálise contemporâneas, na análise da personalidade múltipla e nos estudos de identidade.

7 H.P. LOVECRAFT E OS HORRORES CÓSMICOS

H.P. Lovecraft (1890–1937) é reconhecido como o principal expoente do que se convencionou chamar de *cosmic horror*, um tipo de narrativa que desloca o medo tradicional do gótico para esferas cósmicas e metafísicas, em que a humanidade é reduzida a uma posição de insignificância diante de entidades incompreensíveis e vastas forças do universo.

No conto *The Call of Cthulhu* (1928), Lovecraft apresenta o culto a uma criatura ancestral adormecida, cujo despertar traria a destruição da racionalidade humana. A história é estruturada como um relato investigativo fragmentado, e se destaca por sua construção de um mito ficcional próprio, os Mitos de Cthulhu, composto por deuses antigos, livros proibidos, como o *Necronomicon* e saberes ocultos. Como observa Joshi (2001), “Lovecraft substitui o terror sobrenatural tradicional pelo pavor do desconhecido cósmico e irracional, forjando um novo paradigma de horror literário” (JOSHI, 2001, p. 174).

Contos como *The Shadow Over Innsmouth* (1936) e *The Colour Out of Space* (1927) seguem essa mesma lógica, onde o terror nasce não da violência ou da presença do monstro em si, mas do conhecimento de sua existência - da ruptura da sanidade diante do que não pode ser explicado pelos parâmetros humanos.

Apesar de sua influência inegável na literatura e cultura contemporâneas, o legado de Lovecraft é permeado por um profundo racismo, tanto em sua vida pessoal quanto em seus textos. O próprio *The Call of Cthulhu* associa cultos a populações “primitivas” de diferentes partes do mundo, representadas como bárbaras, degeneradas e ameaçadoras.

Como argumenta Paul Gilroy (2004), o medo do outro em Lovecraft é frequentemente racializado, refletindo ansiedades da supremacia branca sobre miscigenação, imigração e decadência cultural. Tais questões levaram a uma reavaliação crítica do autor no século XXI. Por exemplo, o

prêmio *World Fantasy Award* deixou de usar o busto de Lovecraft como troféu em 2015, após protestos de escritores negros como Nnedi Okorafor e Victor LaValle.

Ainda assim, estudiosos como Houellebecq (1991) defendem que “é preciso reconhecer o valor literário de Lovecraft sem ignorar suas falhas éticas — ele é, simultaneamente, uma figura criativa monumental e um homem de seu tempo, impregnado de preconceitos” (Houellebecq, 1991, p. 52).

O universo imaginado por Lovecraft transcendeu os limites da literatura e se tornou uma linguagem estética própria, influenciando o cinema, os quadrinhos, os jogos eletrônicos e os RPGs. Filmes como *Alien* (1979), *The Thing* (1982), *The Mist* (2007), além de produções mais recentes como *The Lighthouse* (2019), bebem diretamente de sua concepção de horror existencial, ambientes opressivos e criaturas informes.

Nos videogames, títulos como *Bloodborne* (FromSoftware, 2015), *Call of Cthulhu* (Cyanide, 2018), *The Sinking City* (Frogwares, 2019) e *Amnesia: The Dark Descent* (Frictional Games, 2010) incorporam elementos dos mitos lovecraftianos, como sanidade abalada, conhecimento proibido e horror cósmico. O RPG *Call of Cthulhu* (Chaosium, 1981) é um dos mais longevos do gênero e ajudou a consolidar a mitologia como um universo compartilhado, aberto a adaptações e reinterpretações.

Além disso, a série *Lovecraft Country* (HBO, 2020), baseada no romance de Matt Ruff, propõe uma releitura crítica e afrocentrada do legado do autor, confrontando o racismo lovecraftiano com a experiência negra nos Estados Unidos. Tal movimento indica que, embora controverso, Lovecraft continua a alimentar debates e recriações em múltiplas linguagens culturais.

8 RELEITURAS CONTEMPORÂNEAS

As obras de Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Robert Louis Stevenson e H.P. Lovecraft têm atravessado gerações não apenas como textos literários, mas como fontes inesgotáveis de adaptação e reinvenção nas mais diversas mídias. O romance *Frankenstein* (1818), por exemplo, já foi adaptado dezenas de vezes para o cinema, desde a versão muda de James Whale em 1931 até reinterpretações modernas como *Frankenstein* (1994), de Kenneth Branagh, ou *Victor Frankenstein* (2015), que tentam atualizar os dilemas éticos da ciência e da criação.

Da mesma forma, *O Médico e o Monstro* deu origem a múltiplas versões cinematográficas e releituras culturais que exploram a ideia do “duplo” em contextos contemporâneos, inclusive como metáfora para transtornos de personalidade e a repressão social.

Edgar Allan Poe, por sua vez, é frequentemente evocado no cinema de horror psicológico. Filmes como *The Raven* (2012) e as adaptações dos anos 1960 dirigidas por Roger Corman são exemplos da plasticidade de sua obra. Lovecraft, embora menos adaptado diretamente devido à

complexidade de sua mitologia, inspirou obras como *The Thing* (1982), *The Mist* (2007) e *The Endless* (2017), que atualizam o horror cósmico para públicos contemporâneos.

Séries televisivas recentes têm se dedicado a intertextualizar essas obras clássicas, criando universos narrativos que não apenas adaptam, mas expandem o legado dos autores góticos. A série *Penny Dreadful* (Showtime, 2014–2016) reimagina personagens como Victor Frankenstein, Dorian Gray e figuras vampírescas em uma Londres vitoriana estilizada. A proposta pós-moderna da série permite a fusão de diferentes mitos literários e sua leitura sob lentes contemporâneas, incluindo debates de gênero, sexualidade e trauma.

Lovecraft Country (HBO, 2020), baseada no romance de Matt Ruff, vai além ao realizar uma apropriação crítica da estética lovecraftiana. A série utiliza os horrores cósmicos e sobrenaturais para narrar experiências de racismo nos Estados Unidos dos anos 1950, subvertendo o discurso xenófobo presente na obra do autor original. Como argumenta o crítico cultural Kinitra Brooks (2020), “a série faz do horror uma ferramenta de afirmação racial, em um gesto de ressignificação da tradição lovecraftiana” (Brooks, 2020, p. 89).

Além do cinema e das séries, a presença desses autores se faz sentir na música, nas artes visuais, nos jogos e na literatura contemporânea. Bandas de rock e metal como Iron Maiden, Metallica e Cradle of Filth fazem referência explícita a Poe e Lovecraft em letras, clipes e capas de álbuns. Na literatura, autores como Stephen King, Neil Gaiman, Caitlín R. Kiernan e Victor LaValle assumem filiações diretas com esses clássicos, seja por influência estética ou por crítica e reinvenção.

No campo dos games e RPGs, o universo lovecraftiano se tornou um verdadeiro subgênero, presente em jogos como *Call of Cthulhu*, *Bloodborne*, *Elden Ring* e *Amnesia*, que incorporam mecânicas de sanidade e mitologia fictícia. Mary Shelley, por sua vez, tem sido frequentemente reinterpretada como símbolo do feminismo especulativo, e *Frankenstein* é relido à luz de debates sobre inteligência artificial, transumanismo e bioética.

Essa presença multifacetada dos autores góticos na *cultura pop* revela a vitalidade e a versatilidade dos seus legados, capazes de dialogar com os medos e conflitos contemporâneos por meio de novos suportes e linguagens.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de horror inglesa, longe de ser um fenômeno limitado ao seu tempo, revelou-se uma forma expressiva profundamente enraizada nas contradições da modernidade. Ao explorar os limites entre razão e loucura, ciência e ética, humano e inumano, autores como Mary Shelley, Poe,

Stevenson e Lovecraft ajudaram a moldar o horror como um gênero estético que desafia o leitor não apenas com o medo, mas com o pensamento.

Os elementos góticos permanecem atuais porque continuam a oferecer uma linguagem simbólica eficaz para lidar com os medos contemporâneos — sejam eles tecnológicos, existenciais ou sociais. Nesse sentido, o gótico não apenas sobrevive: ele se reinventa como uma forma de compreender o que significa ser humano em um mundo cada vez mais complexo e assustador.

Os temas centrais dessas obras permanecem vivos em produções atuais, como séries (Penny Dreadful, Lovecraft Country) e filmes (Ex Machina, O Médico e o Monstro, A Forma da Água). Essas reinterpretações atestam a resiliência das narrativas góticas e sua capacidade de adaptação a novos contextos culturais e tecnológicos.

Além disso, a literatura contemporânea de horror (ex: Paul Tremblay, Mariana Enríquez) continua explorando temas como identidade fragmentada, medo do desconhecido e crítica social — heranças diretas da tradição gótica iniciada por Shelley, Poe, Stevenson e Lovecraft.

A literatura produzida por Shelley, Poe, Stevenson e Lovecraft é fundamental para a constituição do imaginário moderno sobre o medo. Seus textos, além de revelarem os dilemas de seus próprios tempos, continuam oferecendo ferramentas para pensar o presente. O gótico, como linguagem simbólica e estética, permanece um campo fértil para a crítica social, a experimentação literária e a reflexão filosófica.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Cristhiano. Entre tritões e fantasmas: aspectos do insólito na literatura brasileira entre os séculos XVI-XIX. In: TREVISAN, Ana Lúcia (org.). Na literatura, o insólito. - 1. ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2023
- BOTTING, Fred. Gothic. London: Routledge, 1996.
- BROOKS, Kinitra. The monstrous feminine and Black womanhood in Lovecraft Country. *Journal of American Studies*, Cambridge, v. 54, n. 4, p. 85–98, 2020.
- ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1919).
- HBO. Lovecraft Country. [Série de TV]. Dir. Misha Green. EUA: HBO, 2020. 1 temporada.
- HOGLE, Jerrold E. (Org.). The Cambridge Companion to Gothic Fiction. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- KASS, Leon. The wisdom of repugnance: why we should ban the cloning of humans. *The New Republic*, Washington, v. 218, n. 22, p. 17–26, 1998.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. The call of Cthulhu and other weird stories. Edited by S. T. Joshi. New York: Penguin Classics, 1999.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. The supernatural horror in literature. New York: Dover Publications, 2006. (Obra original publicada em 1927).
- MELLOR, Anne K. Mary Shelley: her life, her fiction, her monsters. New York: Methuen, 1988.
- POE, Edgar Allan. Histórias extraordinárias. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- POE, Edgar Allan. The fall of the house of Usher and other writings. Edited by David Galloway. London: Penguin Books, 2003.
- PUNTER, David. The literature of terror: a history of gothic fictions from 1765 to the present day. London: Longman, 1996.
- RANK, Otto. The double: a psychoanalytic study. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1971. (Obra original de 1914).
- RONDINONE, Troy. Nightmare Factories: The Asylum in the American Imagination. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2019.

SHELLEY, Mary. Frankenstein; or, the modern Prometheus. London: Lackington, Hughes, Harding, Mavor & Jones, 1818.

SHOWTIME. Penny Dreadful. [Série de TV]. Criação: John Logan. EUA: Showtime Networks, 2014–2016.

SILVERMAN, Kenneth. Edgar A. Poe: Mournful and Never-ending Remembrance. New York: Harper Perennial, 1991.

STEVENSON, Robert Louis. O médico e o monstro. Trad. Martha Argel. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Obra original publicada em 1886).

STEVENSON, Robert Louis. Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde. Edited by Katherine Linehan. Oxford: Oxford University Press, 2008.